

# PEDRO E INÊS, PAIXÃO E MORTE

Beatriz Alcântara

## DA HISTÓRIA À LENDA

### Origem

Decorridos mais de seis séculos e meio da morte de D. Inês de Castro, seu personagem permanece como uma das maiores figuras míticas portuguesas, quase a par e passo com o lendário “Encoberto” D. Sebastião e, por vezes suplantando, em fama, a legendária Rainha Santa Isabel.

Inês de Castro, a mísera e mesquinha, que por morte foi rainha, evoluiu de uma figura histórica controvertida, num universo trágico, para metamorfosear-se numa das mais conhecidas lendas medievais, ocasionando o surgimento de um mito da cultura ocidental.

De sua origem remota, os dados que nos chegam distam do século XIV, trazendo imprecisão a qualquer informação. A travessia secular veio até nossos dias à mercê de rudimentares crônicas de época, devaneio humano e criações de cunho literário, artístico.

Pedro e Inês, uma história de paixão e poder construída por entre lutas, cenas idílicas, avisos sinistros, mortes, passagens imensamente cruéis e vinganças bárbaras.

Quão desastrado este amor da aia espanhola D. Inês e do herdeiro português D. Pedro! No cenário, paixão desmedida e lutas pela coroa de Portugal, uma realidade histórica factual recoberta pelo imaginário perdido nos meandros de um imenso distanciamento temporal.

No entanto, após longas e detidas leituras, algumas informações e acontecimentos tornaram-se recorrentes e por isso parecem merecer alguma veracidade.

D. Inês Pires de Castro teria nascido no castelo de Lemos, por volta de 1310, na Galiza, noroeste de Espanha. Filha bastarda do fidalgo D. Pedro Fernandes de Castro, descendia de uma família nobre de grande linhagem, empobrecida, porém gozando de prestígio e influência na corte espanhola graças a um pendor bélico peculiar.

Órfã de mãe aos seis anos, cedo Inês foi afastada do pai para viver em companhia de uma ilustre família de Albuquerque. Educada na mansão senhorial de D. João Afonso de Albuquerque e sua esposa D. Teresa. Protegida, perfillhada da mãe nobre, Inês cresceu recebendo educação e estudo esmerados, de modo que, pelo casamento de Constança Manuel com o herdeiro português ao trono, o infante D. Pedro, ela foi escolhida e chamada a acompanhar a princesa espanhola, passando a integrar seu séqüito de damas.

Desde a chegada à corte portuguesa da esposa do príncipe herdeiro, a beleza extraordinária de sua aia, D. Inês de Castro, passou a ser referência elogiosa entre o séqüito real. A dama de companhia espanhola ganhou denominações como colo de alabastro, olhos de esmeralda ou colo de garça, possuidora que era de uma tez muito branca, radiosa, emoldurada por brilhantes e anelados cabelos dourados.

A nobre galega chamou desde cedo a atenção do infante real D. Pedro, um jovem garboso, bem apessoado, impulsivo, cavaleiro destro, intrépido caçador, gozando grande popularidade entre o povo com quem dançava em folguedos. Um príncipe perfeito, não fosse uma evidente limitação, a gaguez que ocasionalmente originava atos intempestivos de superação.

Monarquia e poder aristocrático da Idade Média na Península Ibérica.

Acontecimentos ocorridos ao longo da Idade Média, muito raro podem ser compreendidos pelos indivíduos contemporâneos afeitos ao pensamento lógico e à objetividade da tecnologia do século XXI.

“Vivia o homem medieval em constante inquietação de medo numa densa atmosfera de mistério” e [de luta entre Deus e o diabo, levando uma existência “atormentada por fatalidades tremendas...perseguido com desoladoras secas e suas grandes fomes, com a guerra impiedosa e suas horrendas mortandades, com a peste e seu sinistro cortejo de misérias”, assim foi registrado na evocação histórica de Mário Domingues.

Lutas sangrentas pela delimitação territorial e domínio das casas reinantes na Península Ibérica. Batalhas pérfidas e brutais contra os mouros seguidas por lutas civis pelo controle, poder e posse das terras entre fidalgos. Saques e vandalismo consentidos sobre os vencidos. Pestes e tremores de terra assolando populações feridas por sucessivos

golpes. Calcula-se que na epidemia de peste em 1348, um terço dos habitantes do reino de Portugal foi dizimado, de um milhão e quinhentas mil pessoas, apenas restaram quinhentas válidas, por entre povoações desertas e campos de cultivo abandonados. Fome e temor.

De registro ainda, uma civilização regida pelo Direito Consuetudinário, herança visigoda que regia um misto de costumes e crenças sujeitas às determinações dos antepassados. Este conjunto de ordens não escritas era consagrado como princípio de lei e ordem pública, obedecido e acatado como verdade absoluta, transitando incólume, de geração em geração.

Assim é que vigorava, por tradição sucessória oral, leis e normas como a passagem selecionada para exemplificar. “As cinco virtudes básicas do cavaleiro medieval podem ser lembradas: temperança; coragem; amor; lealdade e cortesia. Cortesia era respeito pelo decoro da sociedade em que se vivia... A idéia medieval era de respeito pela sociedade da qual faziam parte. Tudo era feito de acordo com regras. Quando dois cavaleiros lutavam, jamais violavam as regras do combate, embora se empenhassem num combate mortal... a idade da cavalaria e do cavaleirismo estava em franco desenvolvimento quando a idade do amor romântico teve o seu início... aquele foi um período estranho, pois era terrivelmente brutal” (Joseph Campbell)

## **PAIXÃO E MORTE**

Os amores de D. Inês de Castro e D. Pedro desencadearam uma grave crise na corte lusitana, não apenas por razões de ordem moral, mas de igual dimensão, motivos de ordem religiosa e política.

Levando-se em conta o desmedido puritanismo do rei D. Afonso IV, ainda assim as razões de tão forte oposição ao romance de seu filho e a aia não residiam apenas no fato de relações adúlteras em família. Ódios camuflados apontavam para o fato de D. Inês haver sido educada pelos Albuquerque, herdeiros do irmão bastardo preferido pelo pai de D. Afonso IV, contudo, credite-se de maior vulto a razão política.

Ao monarca D. Afonso IV chegavam rumores de que os fidalgos castelhanos e irmãos de D. Inês, D. Álvaro, D. Dinis e D. Fernando Pires de Castro eram visitas freqüentes e demoradas, ora no paço da Serra d’El-Rei, como na aprazível quinta Canidelo na Foz do Douro e,

por fim, no paço de Santa Clara em Coimbra, capital do reino à época. O temor dessas visitas tão assíduas estava ligado à sucessão da coroa portuguesa. Observe-se o relato: um “mirabolante plano dos Castros induzirem o infante D. Pedro a proclamar-se rei de Leão e Castela e, depois, de Portugal, por morte de pai. Dizia-se que os irmãos de Inês tinham logrado convencer D. Pedro a meter-se nessa aventura insensata. D. Afonso assustou-se seriamente. Ele sabia que com um monarca português ou castelhano, a união dos dois reinos só traria como resultado a absorção de Portugal por uma Castela maior em território, em população e em recursos econômicos; seria a perda de uma independência que já custara mais de duzentos anos de sacrifícios e lutas. Ah! Maldita a hora em que aquela mulher entrara em Portugal!”(p.226)

Atento ao menor detalhe régio sucessório da coroa, D. Afonso receava que uma vez D. Pedro feito rei, tirasse o direito de trono e sucessão ao infante D. Fernando, filho legítimo do seu casamento com D. Constança, em favor de um dos filhos de Inês.

Instigado especialmente por três conselheiros, o velho monarca levou a julgamento a jovem dama espanhola, não fosse o trono português cair em mãos castelhanas, haja visto que os irmãos Castro eram aguerridos revoltosos espanhóis, chefes da conjura pela unificação da Península Ibérica e exerciam forte influência sobre a irmã.

Sentença julgada por um Conselho do Reino, o rei ordenou que Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves realizassem a execução sumária de Inês aproveitando-se da ausência ocasional do príncipe herdeiro de terras coimbrãs aonde o casal e os três filhos haviam se recolhido.

Após o desfecho mortal de D. Inês, uma guerra civil eclodiu entre filho e pai. Embates por ódio, muito mais do que pelo poder, alastraram-se, repletas de intrigas, devastações e pilhagens, dividindo o país entre partidários do rei contra seguidores do herdeiro. A muito custo, a rainha e alguns membros do clero conseguiram contemporizar a inimizade entre os dois. As lutas sangrentas estavam levando a nação ao caos. Reconhecendo o flagelo, um tratado de paz foi acordado entre as partes e vinganças dadas por abandonadas.

Pouco tempo decorrido, D. Afonso IV, já envelhecido, veio a falecer e o infante assumiu o trono como D. Pedro I. O Direito Con-

suetudinário exigia a reparação de honra da amada e de seus filhos. D. Pedro assumando a condição de rei fez valer seus direitos e deveres de honra maculada e os assassinos de Inês passaram a ser procurados por toda a Península Ibérica. Refugiados em Castela, dois foram encontrados e permutados por outros nobres castelhanos foragidos de um outro Pedro, vizinho e rei, Pedro – o Cru.

A narração da pena de morte foi descrita por Artur Augusto: “Praticou com Alvaro Conçalves e Pero Coelho que vós ouvisteis matadores de Inês, querendo que lhe contassem por meudo como tudo se passara. Pero Coelho teve más palavras para el-rei que se agastou e ali lhe deu com um chicote na cara. Este nobre cavaleiro com sanhudas palavras o chamou algoz, perjuro e carniceiro d’homens, o que muito doeu a el-rei, que por ver um vassalo dizer tão deshonestas coisas. Ali mesmo chamou el-rei um algoz e lhe mandou que tirasse o coração aos dois felões sem antes os matar. Ao depois que isso foi feito, tomou el-rei em suas mãos o coração de Pero Coelho, temperou-o com azeite, vinagre e cebola e ali o trincou, dizendo a seus privados que estava comendo um coelho.”

## **DA LENDA AO MITO**

### **Razões de Estado, razões de amor e crueza**

A imaginação popular, a transmissão oral e o decorrer de séculos, fizeram com que a crueldade que envolveu a paixão desvairada da aia castelhana e o infante português fosse esquecida e sobre ela se erigisse um amor nobre e desmedido, infinito. Ao sabor das vontades humanas, a fantasia e a inventividade envolveram o romance real em véus pudicos, construindo um sem número de versões idílicas e assim, nunca esquecidas pela humanidade.

Um amor que a tudo subsistiu no tempo, um afeto esfacelado por razões de estado e pela inclemência, um arrebatamento que se perpetuou além da vida, um romance maior que os próprios amantes, uma paixão originária de uma das maiores lendas lusitanas.

Entre verdade e lenda, D. Pedro mandou erigir dois majestosos túmulos no Mosteiro de Alcobaça, tendo determinado “esculpir dos túmulos, um para Inês, outro para ele. Colocados lado a lado, virão a ser os grandes expoentes da arte tumular medieval portuguesa. Os baixos relevos do túmulo de D. Inês representam cenas da vida de Jesus, da

Ressurreição e do Juízo Final. Sobre a tampa está esculpida a imagem de Inês, de corpo inteiro, com cora na cabeça como se fora rainha. As esculturas do túmulo de D. Pedro representam cenas da vida dos dois apaixonados desde a chegada de Inês a Portugal. Por sua ordem, os dois túmulos são colocados dentro da igreja, à mão direita, cerca da capela-mor do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Em 1361 D. Pedro manda trasladar os restos mortais de D. Inês, do Mosteiro de Santa Clara para o Mosteiro de Alcobaça. Os restos mortais seguem em liteira de luxo, conduzida por grandes cavaleiros, acompanhada por muita gente, nobres, clérigos, burgueses e plebeus”.(Fernando Correia da Silva)

Transladado o corpo de Inês, o rei teria ordenado que fossem colocadas diante do monumento fúnebre, duas cadeiras de trono para o casal real e, tomando assento numa delas ordenou que à sua direita os restos mortais de Inês fossem sentados com vestes a ouro bordadas, adequadas a uma rainha.

A seguir, ele cingiu a cabeça da amada morta com a coroa real e logo após, toda a corte foi chamada a se render, um por um, joelho ao chão, se inclinando e beijando o anel da mão descarnada.

Inês de Castro, aquela que depois de morta foi rainha!

Após a cerimônia fúnebre de vassalagem a que toda a corte portuguesa foi submetida, D. Pedro forçosamente reconhecendo que nada mais poderia fazer para manter junto a si a amada, permitiu que a urna fosse encerrada e no momento em que o corpo baixava ao túmulo, a cúpula sendo lacrada, o rei, soltou um grito pavoroso de dor e exclamou superando a gaguez: *Agora é tarde, Inês é morta!*

Em derradeira homenagem a sua amada, D. Pedro tenta preservar a memória do amor de ambos mandando Algumas vozes se levantaram contra o fato verídico da transladação e do enlevo a que as pessoas foram levadas pelo impulso do amor infeliz, como a escritora Ludovina Frias de Matos. “A transladação dos restos de Inês de Castro para o Mosteiro de Alcobaça, após seis anos de corpo-a-terra, mais que uma prova de amor é o desafogo do ódio. Mais que uma homenagem à defunta, o espantoso cortejo fúnebre é uma afronta à nobreza e ao clero, a fidalgos e donas forçados a acompanharem, a apagearem, a preitearem como Rainha de Portugal quem nem para mulher da mão esquerda do

príncipe quiseram...O funeral nacional, dezasseis léguas de caminho entre milhares de lumes - os brandões mandados distribuir pelo Rei ao povo assombrado - excede as maiores realizações vistas...os túmulos criando a lenda da coroação de Inês de Castro seguida do macabro beija-mão, a imaginação popular apenas colaborou nas tendências teatrais do monarca visionário.”

## **DO MITO À ARTE**

Até à Idade Média, século XII, o amor no ocidente não era considerado como algo individual. “Ágape” e “Eros” revestiam-se de experiências impessoais, não consistiam numa relação entre duas pessoas.

“Ágape”, um amor de impulso quase religioso, amar o próximo como a si mesmo.

“Eros” é o desejo não personificado como de Zeus e Hera, o amor intelectualizado, o erotismo de Platão, apresentado como um impulso biológico, um arrebatamento, uma explosão fisiológica ou psicológica.

A partir do século XII o enfoque do amor metamorfoseia-se, mais precisamente depois da Cruzada Albigense. Com desenvoltura, os trovadores cruzavam todo o ocidente civilizado levando as novas, os cantares as novelas e os amores lendários por entre os castelos da nobreza e os burgos. O amor obediente a Eros ou a Ágape altera-se, toma feição humana, remete-se a uma relação entre duas pessoas, o amor-paixão.

O amor medievo cantado em louvação pelos jograis, era dor de amor e danação perpétua. Um amor que seduzia as cortes enquanto as assustava, pois que remetia à danação perpétua, ao inferno, por todos tão temido.

As lendas dos grandes amantes foram sendo construídas e seus inditosos amores narrados e celebrizados para todo o sempre: Lancelot e Ginebra (séc. VI); Tristão e Isolda (séc. X); Abelardo e Heloísa (séc. XI); Inês de Castro e Pedro (séc.XIV), ainda, Romeu e Julieta (peça de Shakespeare baseado numa lenda, séc.XVI) .

Registre-se que, ao contrário do que muito se tem dito que a Idade Média foi o período obscuro do ocidente, ela entronizou legados únicos na civilização, como a nova forma de amor ocidental, “O objetivo de todos esses pioneiros do amor é que eles decidiram ser os autores e os instrumentos da sua própria autorealização.” (Bill Moyers)

Assim, quando o mito surge e se revela, o fato ocorre a partir daquilo que os seres humanos têm em comum entre si – próprios e o proposto com que se deparam.

Inês de Castro adentrou à condição de mito porque seu drama assumiu feições recorrentes e fiéis à dualidade humana do sentimento de amor condenatório, do bem em embates contra o mal, e à dicotomia primeira, vida e morte, dois confrontos que sempre permeiam o enredo histórico.

A história dramática de Inês de Castro e seu amor funesto transformou-se, com o decorrer do tempo, numa lenda porque remete: a uma história de imperfeição dos afetos (marido/esposa/prima, pai/filho); de amor-paixão (D. Inês e D. Pedro); de intriga, de luta pela coroa e crueldade (monarca D. Afonso IV + conselheiros + irmãos de Inês); de sofrimento humano e de vingança sinistra (rei D. Pedro I x algozes); de luta pela permanência da vida além da própria existência (transladação dos restos mortais, o cortejo fúnebre e os túmulos no Mosteiro de Alcobaça)

“Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos... todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte” (Bill Moyers)

A memória do mito inesiano, a mulher injustiçada, mas permanentemente amada até ao fim dos tempos, o Dia do Juízo Final, de tão extensa e diversificada é continuamente atual desde o século XIV até os dias contemporâneos.

Numerosos escritores, teatrólogos, cineastas, coreógrafos, compositores e artistas plásticos inspiraram-se nos amores de Pedro e Inês de Castro, modelando-o e transformando sua história num dos maiores desígnios artísticos da civilização ocidental.

Os mais antigos registros literários mantêm estreita aproximação temporal com o fato histórico dos inditosos amores, senão vejamos: no século XV, Fernão Lopes narrou a **Crônica de el Rei D. Pedro**; em 1516, Garcia de Resende escreveu as **Trovas à morte de Inês de Castro** e em 1587, Antonio Ferreira narrou a tragédia **Castro**.

No século XVIII, o francês Houdar de la Motte levou ao conhecimento europeu a lenda portuguesa com **Inez de Castro** (1723) e desde então, até os dias do presente, jamais o tema caiu no esquecimento.



Por tanto haver a ressaltar e jamais ser possível esgotar-se tão vasto acervo inesiano, queremos encerrar a abordagem do universo inesiano com versos do maior poeta português de todos os tempos, Camões, Canto III dos **Lusíadas**:

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
Nos sandosos campos do Mondego*

.....  
*Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;*

.....  
*Vendo estas namoradas estranhezas,  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia*

.....  
*Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso.*

.....  
*Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, fervidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidados.*

.....

*Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas.  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto.*

Ao encerrar, há que se ressalte ser a consciência mítica do drama de D. Pedro I, o Justiciero, e D. Inês de Castro uma narrativa de tempos fabulosos, cruéis e heróicos que os remetem à intemporalidade, em busca do eterno retorno, daqueles que ficaram insepultos por não chorados na hora da morte, a natureza ilusória sempre presente no inconsciente humano, porque o mito substancia-se no princípio da irrealidade que permeia existência e se torna manifesta nos pensamento e linguagem humanos.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### Histórica:

- . COUTO, Dejanirah. **História de Lisboa**, Lisboa, Gótica, pp.73-74, 2003, 389pp.
- . DOMINGUES, Mário. **Inês de Castro na Vida de D. Pedro**, Lisboa, Prefácio-Edição de Livros, 2002, 253pp.
- . DUARTE, Manuel Dias. **História de Portucália: uma história de Portugal ao feminino**. V.N. de Gaia/Portugal, Editora Ausência, pp.98-100, 2004, 316pp.
- . HERMANO SARAIVA, José et alli. **História de Portugal: volume 3**, Lisboa, Publicações ALFA, pp.52-55, 1983, 400pp.
- . PERES, Damião e Cerdeira, Eleutério. **História de Portugal: edição monumental comemorativa do 8º centenário da Fundação da Nacionalidade – vol.II**, Barcelos/Portugal, Portucalense Editora Lda. pp.318-327, 1929, 719pp.
- . PIRES DE LIMA, Augusto C. **Portugal: leituras históricas**, Porto, Edição do Autor, p.106, 1924, 359pp.
- . PORTELA, Cristina. **Inês de Castro: “Grandes Protagonistas da História de Portugal”**, Lisboa, Editora Planeta de Agostini, 2005, 149pp.

### De análise:

- . CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito, tradução Carlos Felipe Moisés**, São Paulo, Palas Athena Editora, 2006, 242p.
- . ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**, tradução Manuela Torres, Lisboa, Edições 70, 2000, 175p.
- . MATOS, Ludovina Frias de. **Paixão, Morte e Glória de Inês de Castro**, Porto, Livraria Simões Lopes, 1951, 31pp. (conferência)
- . RAMALHO, Cristina. **A Presença das Mulheres nas Epopéias de Autoria Masculina: cap.9 da tese “Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres”**, Rio de Janeiro/RJ, UFRJ, pp.480-482, 2004;
- . [www.pedro-ines.com](http://www.pedro-ines.com)

**Algumas obras literárias sobre o tema inesiano:**

- . AGUIAR, João. **Inês de Portugal**, Porto, ASA Editores, S.A., 128p., 1997, 7ª edição 2006 (romance)
- . AUGUSTO, Artur. **O Anel do Amor**, Lisboa, Edições Momento, 1938, 162pp.
- . AZEVEDO, Manoel de. **Saudades de Donna Ignez de Castro**, Lisboa, Officina Joaquianna da Musica DED, 148p., 1745 (obra poética em oitavas, composta de 3 partes)
- . BRANDÃO, Fiamma Hasse Pais. **Noites de Inês-Constança**, Lisboa, Assírio & Alvism, p.76, 2005
- . CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**, Porto, Porto Editora Lda, , 3ªed.,553p., Canto III, estrofes 120-137
- . DANTAS, Julio, **A Castro: adaptação, em 4 actos, da “Castro”, de Antônio Ferreira**, Lisboa, Portugal-Brasil/Sociedade Editora, 87p., 2ª ed., s.d.(peça teatral em 4 atos)
- . FERREIRA, António. **Castro**, 4ª ed., Porto, Editorial Domingos Barreira - Coleção Portugal, 223pp.
- . FERREIRA, Seomara da Veiga. **Inês de Castro - A estalagem dos assombros**, Lisboa, Editorial Presença, 2007, 137pp.
- . FONSECA, Gondin da. **Inês de Castro (1310?-1355): a verdade histórica e a realidade psíquica, após seis séculos de fantasia e nevoeiro**. Rio de Janeiro, Livraria São José, 2ª ed., 156p., 1957(tragédia em 3 atos)
- . FRANCO, António Cândido. **Memória de Inês de Castro**, Mem Martins/Portugal, Publicações Europa-América, 1990, 250pp. (romance)
- . HIERRO, Maria Pilar Queralt del. **Inês de Castro**, trad. Saul Barata, Lisboa, Editorial Presença, 6ª ed., 147p., 2005 (romance histórico)
- . HUGO, Victor. **Inês de Castro**, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 101pp. (melodrama em três atos)
- . MONTHERLANT, Henry de. **La Reine Morte**, Paris, Gallimard, 189p., 1971.(drama em 3 atos)
- . RESENDE, Garcia de. **Trovas à Morte de D. Inês de Castro**.
- . ROSA, Luis. **O amor infinito de Pedro e Inês**, Queluz de Baixo/Portugal, Editorial Presença, 5ª ed. 2006, 195p. (romance)
- . SANTOS, António Dias dos. **Erotismo, Honra e Glória**, Porto, Oficina de São José, 1970, 77pp. (tese filosófica?)

- . SINOUE, Gilbert. **La Reine Crucifiée**, Paris, Ed. Albain Michel, jan. 2006, 394pp. (romance)
- . SOUSA, Maria Leonor Machado de. **Antologia Poética Inês de Castro**, Portugal, ACD Editores, 2005, 129pp.

**As mais importantes Óperas representadas:**

- 17?? – autor desconhecido, **Inês de Castro**, (Bairro Alto, Lisboa, cantada por Cecília Rosa de Aguiar, irmã de Luisa Todi)
  - 1794 – Francesco Bianchi, **Inês de Castro**, (San Carlo, Nápoles)
  - 1798 – Niccolò Zingarelli, **Inês de Castro**, (Carcano, Milão)
  - 1799 – Giovanni Paisiello, **Inês de Castro**, (adaptação ou pastiche; S. Carlos, Lisboa)
  - 1827 – Carlo Valentini, **Inês de Castro**, (S. João, Porto)
  - 1835 – Giuseppe Persiani, **Inês de Castro**, (San Carlo, Nápoles)
  - 1839 – Manuel Inocêncio dos Santos, **Inês de Castro**, (S. Carlos, Lisboa)
  - 1840 – Fábio Marchetti, **Inês de Castro**, (Sociale, Mântua)
  - 1841 – Pietro Coppola, **Inês de Castro**, (S. Carlos, Lisboa)
  - 1849 – Luigi Gibelli, **Don Pedro di Portogallo**, (Sociale, Novara)
  - 1868 – Riccardo Drigo, **Don Pedro di Portogallo**, (Nuovo, Pádua)
  - 1926 – Ruy Coelho, **Inês de Castro**, (S. Carlos, Lisboa)
  - 1996 – James MacMillan, **Inês de Castro**, (Festival Theatre, Edimburgo)
  - 2003 – Giuseppe Persiani/Salvatore Cammarano, **Inês de Castro**, (Páteo das Escolas, Coimbra / Mosteiro de Alcobça)
- . Seminário “**A Mulher na Literatura – Criadora e Criatura**”, Academia Cearense de Letras - ACL, Fortaleza, 22 /09/ 2006
  - . Reunião Sociedade Amigas do Livro–SAL, F.W.A., 22/08/2007